



## Os nanopassos da mudança construcional: um estudo da gradualidade intracontextual na trajetória da microconstrução marcadora discursiva *calma aí*

The constructional change nano-steps: an intracontextual graduality in the path of the discourse marker micro-construction *calma aí* study

Flávia Saboya da Luz ROSA\*

**RESUMO:** O principal objetivo do presente artigo é apresentar e aplicar a proposta de análise dos nanopassos (ROSA, 2019), isto é, alterações graduais, de forma ou conteúdo, ocorridas num mesmo contexto de mudança construcional. Para esse fim, o objeto de estudo selecionado é a microconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa *calma aí*. Inserido no âmbito da Língua Cognitivo-Funcional ou Linguística Funcional Centrada no Uso, tal tratamento tem como bases teóricas fundamentais a abordagem construcionalista (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) e os princípios dos contextos de mudança linguística (DIEWALD, 2002, 2006; DIEWALD; SMIRNOVA, 2012). Por se tratar de um recorte de pesquisa panocrônica mais abrangente, este trabalho contém dados coletados no Diário do Congresso Nacional, com publicações dos séculos XX e XXI. Constata-se que as análises por meio do exame dos nanopassos proporcionam verificação mais acurada de processos, como

**ABSTRACT:** The main objective of this paper is to present and apply the proposal for the analysis of nanosteps (ROSA, 2019), that is, gradual changes, in form or content, that occurred in a same context of construction change. To this end, the object of study selected is the refraining argumentative discourse marker micro-construction *calma aí*. Inserted in the scope of Cognitive-Functional Linguistics or Usage-Based Functional Linguistics, such treatment has as its fundamental theoretical bases the constructionalist approach (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) and the principles of linguistic change contexts (DIEWALD, 2002, 2006; DIEWALD; SMIRNOVA, 2012). As this is part of a broader panchronic research, this work contains data collected in the Diário do Congresso Nacional, with publications from the 20th and 21st centuries. It appears that the analysis through the examination of nano-steps provides more accurate verification of processes, such as metonymization and metaphorization, which result in constructional change. In addition, it is possible to identify more

\* Doutora em Estudos de Linguagem (UFF). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6149-265X>. [flviasaboya@gmail.com](mailto:flviasaboya@gmail.com).

metonimização e metaforização, que resultam em mudança construcional. Além disso, é possível flagrar de modo mais preciso as características da forma (sintática, morfológica e fonológica) e do conteúdo (semântico, pragmático e discursivo) da construção em cada estágio de mudança.

precisely the characteristics of the form (syntactic, morphological and phonological) and the content (semantic, pragmatic and discursive) of the construction at each stage of change.

**PALAVRAS-CHAVE:** Construção. Mudança Construcional. Marcador Discursivo. Nanopassos. Gradualidade Intracontextual.

**KEYWORDS:** Construction. Constructional Change. Discourse Marker. Nano-steps. Intracontextual Graduality.

## 1 Introdução

No intuito de apresentar e aplicar a proposta dos nanopassos, formulada por Rosa (2019), elegemos a trajetória da microconstrução (cf. TRAUGOTT, 2008) marcadora discursiva refreador-argumentativa *calma aí* para apresentar as alterações graduais de forma ou conteúdo ocorridas num mesmo contexto de mudança. Nossa pesquisa fundamenta-se, principalmente, na abordagem construcionalista nos termos de Traugott e Trousdale (2013), nos princípios dos contextos de mudança linguística difundidos por Diewald (2002, 2006); Diewald e Smirnova (2012) e nas propriedades construcionais de Croft (2001). Os exemplos aqui expostos são provenientes do Diário do Congresso Nacional (<https://www.congressonacional.leg.br/>), que contém publicações dos séculos XX e XXI. Adiante, o artigo encontra-se dividido em quatro seções: 2. Pressupostos teóricos; 3. Metodologia; 4. Análise de dados e 5. Considerações finais.

## 2 Pressupostos teóricos

No que se refere aos estudos linguísticos mais recentes, conforme apontam Martelotta e Alonso (2012), a tendência adotada por alguns pesquisadores, tanto brasileiros como estrangeiros, tem sido unir propostas do funcionalismo com algumas

tradições teóricas da linguística cognitiva. Tal tendência tem sido chamada de Linguística Cognitivo-Funcional (TOMASELLO, 1998, 2003) ou Linguística Centrada no Uso (BYBEE, 2010). Esta última nomenclatura, de acordo com a autora, é, em certo sentido, um novo nome para o funcionalismo norte-americano, ao qual foi incorporada a abordagem construcionalista, procedente do cognitivismo. A comunidade de pesquisadores funcionalistas no Brasil, a começar pelo grupo de pesquisa em que nos inserimos, Discurso e Gramática (D&G), tem preferido acrescentar o termo funcional à denominação proposta por Bybee, adotando a expressão Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Para tratarmos das bases teóricas que fundamentam nosso estudo, esta seção se encontra distribuída do seguinte modo: 2.1 Construção; 2.2 Mudança construcional e construcionalização e 2.3 Contextos de Mudança.

## 2.1 Construção

Para realizar as análises da microconstrução em foco, lançamos mão da abordagem construcionalista da mudança linguística, tratada, sobretudo, por Traugott e Trousdale (2013). Para definir *construção*, os mencionados autores e vários pesquisadores cognitivistas, como Goldberg (2006) e Langacker (2008), utilizam a expressão “*form-meaning pairings*”, que tem sido traduzida por pareamentos forma-significado. Há ainda quem defenda a ideia de forma-função ou forma-sentido. Desde Rosa (2019), optamos pelo par forma-conteúdo, por considerarmos o termo mais abrangente e possibilitar especificações referentes à função, significado e sentido, conforme a proposta de Oliveira e Arena (2019). Sendo assim, entendemos que a microconstrução aqui abordada, *calma aí*, passa a ser empregada como unidade simbólica convencional. As construções são unidades no sentido de que o signo é arraigado como um pareamento forma-conteúdo na mente do usuário da língua, devido a aspectos de forte idiosincrasia ou grande frequência. Elas são simbólicas, pois são signos, associações de forma e conteúdo, e são convencionais, por serem

compartilhadas por um grupo de falantes. Conforme explicam Cunha e Lacerda (2017), constatamos a existência de uma construção sempre que há evidência de que os falantes não podem prever algum aspecto da forma, do conteúdo ou do uso desse elemento com base em outra construção pré-existente.

## 2.2 Mudança construcional e construcionalização

Para analisar as transformações linguísticas sofridas pela microconstrução *calma aí*, devemos levar em conta os dois principais tipos de mudanças apontados por Traugott e Trousdale (2013): mudança construcional e construcionalização. A mudança construcional é a mudança que afeta uma das dimensões internas de uma construção já existente, sem que ocorra a criação de nova construção. A alteração pode ser referente às propriedades da forma (sintática, morfológica, fonológica) ou relacionada às propriedades do conteúdo (semântico, pragmático, discursivo).

A construcionalização costuma ser precedida e sucedida por mudanças construcionais, isto é, por uma sucessão de passos incrementais convencionalizados. As mudanças construcionais, que, por hipótese, precedem e possibilitam a construcionalização, envolvem tipicamente, segundo os autores, expansão pragmática, semantização dessa pragmática, *mismatch* entre forma e conteúdo e algumas pequenas mudanças distributivas. Sendo assim, são chamadas de mudanças construcionais pré-construcionalização.

Por sua vez, a construcionalização pode possibilitar mudanças construcionais ulteriores. Tais mudanças construcionais pós-construcionalização envolvem, tipicamente, de acordo com os autores, expansão de arranjos sintáticos (*collocations*) e podem também envolver reduções morfológicas e fonológicas. A construcionalização é a criação de uma associação forma<sub>nova</sub>-conteúdo<sub>Novo</sub>, ou seja, é o desenvolvimento de uma nova unidade ou signo. A construcionalização forma novos tipos de nós que têm nova sintaxe ou morfologia e novo conteúdo codificado na rede linguística de uma

população de falantes. É acompanhada de mudanças referentes à esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

A construcionalização de esquemas (macroconstruções) sempre resulta de uma sucessão de micropassos, sendo, portanto, fruto de um processo gradual. Novas microconstruções podem ser criadas tanto de modo gradual quanto instantâneo. Microconstruções criadas gradualmente tendem a ser gramaticais e microconstruções criadas instantaneamente tendem a ser lexicais. A construcionalização envolve, minimamente, neoanálise da forma morfossintática e do conteúdo semântico-pragmático.

Mudanças discursivas e fonológicas também podem ocorrer em vários estágios. Mudanças somente formais e mudanças somente de conteúdo não constituem construcionalização, tratando-se, sim, de mudanças construcionais. Traugott e Trousdale (2013) focam em dois tipos principais de construcionalização: a gramatical e a lexical. A construcionalização gramatical é o desenvolvimento, por meio de uma série de mudanças em micropassos, de um pareamento de forma<sub>nova</sub>-conteúdo<sub>novo</sub> que apresenta função principalmente procedural/gramatical. Um signo gramatical aponta como um falante conceptualiza relações entre referentes nas cláusulas e como um ouvinte as interpreta. Em muitos casos, a construcionalização gramatical envolve perda do conteúdo lexical, no entanto, a fonte pode não ser lexical. A construcionalização lexical é o desenvolvimento de um pareamento de forma<sub>nova</sub>-conteúdo<sub>novo</sub> que, no *continuum*, está mais relacionado ao polo lexical, isto é, que faz referência a entidades/eventos do mundo biossocial.

### 2.3 Contextos de mudança

O modelo que Diewald e Smirnova (2012) tomam como ponto de partida é baseado no trabalho apresentado por Diewald (2002, 2006). A hipótese básica que fundamenta esse modelo é que um processo de mudança gramatical pode ser

desmembrado em três estágios ou passos sucessivos relacionados a contextos específicos. Desses estágios, o segundo e o terceiro podem ser correlacionados com os tipos de construção sugeridos por Fillmore, Kay e O'Connor (1988). Diewald e Diewald e Smirnova (*ibidem*), ao tratarem de mudança gramatical, referem-se ao processo de gramaticalização. Em nossos trabalhos de pesquisa, por adotarmos a abordagem construcionalista e entendermos que a gramaticalização é abarcada pela construcionalização gramatical, optamos por utilizar apenas esse último termo, substituindo o primeiro.

Em seu plano principal, esse modelo é compatível com as sugestões feitas por Heine (2002) sobre contextos em mudança gramatical e com o conceito de Traugott e Dasher (2005) a respeito dos estágios de desenvolvimento de mudança semântica. No entanto, há alguns importantes aspectos em que esse modelo difere dos outros. Em primeiro lugar, em contraste com os outros modelos, esse não é projetado para tratar, exclusivamente de mudança semântica. Ele se destina a dar conta da trajetória que resulta em construcionalização gramatical, isto é, um processo complexo em que mudanças semânticas e estruturais interagem entre si. Em segundo lugar, os três estágios não são definidos exclusivamente por características semânticas ou implicaturas conversacionais, mas, sim, por combinações particulares de características semânticas e estruturais que, em conjunto, compõem os contextos relevantes para as respectivas construções. O terceiro ponto é que o modelo não foca em um único item submetido a mudanças, mas em construções de extensões variadas.

No primeiro estágio, as precondições do processo para a construcionalização gramatical se desenvolvem. A unidade lexical em questão mostra uma expansão inespecífica de sua distribuição nos contextos em que não havia sido usada anteriormente, isto é, em contextos atípicos. Contextos atípicos fazem uso de construções existentes que – por meio de implicaturas conversacionais – aparecem em

combinações de construções que são incomuns e, ao mesmo tempo, podem ser facilmente interpretadas devido à estrutura composicional dessas formas.

O segundo estágio marca o efetivo desencadeamento do processo que resulta em construcionalização gramatical. Ele está relacionado ao surgimento de um tipo muito específico de contexto, que é chamado contexto crítico. Ele é caracterizado por múltiplas ambiguidades estruturais e semânticas e, assim, propicia muitas alternativas de interpretação, entre elas o novo significado gramatical. Nesse estágio, surgem novas construções que não podem ser reduzidas a uma combinação de construções conhecidas sem perda de informação. A característica definidora desse tipo de contexto é a sua ambiguidade complexa, múltipla, isto é, a opacidade semântica e estrutural é uma característica necessária nesse tipo de contexto. Além disso, esse tipo de construção tende a desaparecer no desenvolvimento posterior à construcionalização gramatical do elemento ou porque sua estrutura é perdida (ex.: por expansão para outros contextos) ou porque ela se desenvolve em uma estrutura não ambígua e, então, perde sua característica definidora, isto é, sua ambiguidade múltipla.

O estágio três mostra a consolidação do processo de construcionalização gramatical em que o novo sentido gramatical é isolado, como um sentido separado do mais antigo, que é mais lexical. Esse desenvolvimento pressupõe a existência de contextos isolados para cada leitura, isto é, contextos linguísticos específicos que favorecem a interpretação para a exclusão do outro. Assim que a oposição entre contextos isolados mutuamente exclusivos é estabelecida, pode-se dizer que o processo de construcionalização gramatical tenha alcançado um estágio avançado, já que não é reversível para um estágio anterior (ex.: para o *status* de várias implicaturas conversacionais possíveis).

As construções que produzem os contextos isolados assemelham-se apenas parcialmente a outras construções existentes e apresentam uma correspondência

forma-conteúdo única. Tais construções apresentam composicionalidade reduzida, isto é, no mínimo, alguma parte da sua correspondência forma-conteúdo tem de ser tratada holisticamente e não pode ser derivada em sua totalidade de outras construções ou de uma combinação de outras construções. Elas são completamente produtivas quando suas posições sintáticas não são preenchidas com itens fixados. A seguir, apresentamos exemplos, obtidos nos *corpora* desta pesquisa e outros complementares, que ilustram fases de integração da construção *calma aí*, desde o contexto fonte (de origem) até o isolado.

(1) Vai com **calma aí** nessa bicicletinha sem freio ôh... (Instagram. Disponível em: [https://sometag.org/account/sil\\_cma/1925340443/](https://sometag.org/account/sil_cma/1925340443/)).

(2) [...] O que houve? Nós fomos dispensados da função. Talvez você tenha pedido para substituir o adjunto, o Presidente não gostou e substituiu a nós quatro. Estamos indo embora. Fomos mandados de volta para casa”. De volta. Dispensa da função. Nenhuma irregularidade nenhum problema, nenhuma apuração, nenhum processo. Eu tenho aqui as portarias. Então devolve fulano, fulano, fulano, fulano de volta para casa. Tem **calma aí**, que eu vou procurar saber o que se passa. (Diário do Senado Federal – Suplemento, 18 jul. 2006).

(3) [...] Espera aí... Espera um pouquinho... Está colocando dinheiro, espera um pouquinho... Está colocando dinheiro, mas vai chegar o momento... Espera um pouquinho... Por que desviar? **Calma aí**, gente! Acalma aí! Sr. Presidente, o senhor vai assegurar a minha palavra ou não? (Soa a campanha.) O Sr. Ronaldo Fonseca (PR – DF) – Porque até o momento eu estou sentado nesta CPMI e ouvi a todos os oradores e ouvi calado... O Sr. Presidente (Paulo Teixeira. PT – SP) – Eu peço a todos que prestem atenção e permitam que o orador... (Diário do Senado Federal – Suplemento, 21 dez 2012).

(4) Sr. José Alexandre Resende: [...] Bom, com relação ao custo que o senhor mencionou, o transporte marítimo é um aparato, sem dúvida alguma, depois vem o ferroviário, o mais caro de todos é o rodoviário, isso de uma forma genérica. [...] Hoje o frete ferroviário é algo entre 27 e 25% menor do que o rodoviário [...], recentemente o Presidente da República me chamou:

“Como é que pode um negócio desse e tal?” “Presidente, tem duas coisas diferentes”. “Como é que é só 25, 27%?” “**Calma aí**. Se você pegar só o trecho ferroviário, comparar com o rodoviário, a diferença é muito maior”. Não tenho esse número de cabeça aqui, até porque não é assim que se negocia o frete ferroviário. Você negocia ele com tudo. É eu pegar a tua indústria, puxar no caminhão, estou te cobrando no frete esse caminhão, estou fazendo um tombo a mais, estou fazendo a ferrovia, faço um tombo no armazém e faço um tombo pra te entregar esse caminhão. Então quando eu faço isso tudo, a diferença fica entre 27 e 25% (Diário do Senado Federal – Suplemento “A”, 30 jun 2007).

No exemplo (1), constatamos inserção da sequência destacada em contexto fonte. A expressão “vai com calma” denota um conselho referente à velocidade do ciclista, ou seja, incide sobre uma ação praticada no mundo biossocial. O elemento *aí* atua na referenciação espacial, indicando o meio de transporte em que se encontra o interlocutor: a bicicleta. Os elementos da sequência apresentam, portanto, sentido mais concreto/original, referindo-se a entidades/eventos do mundo biossocial e situando-se, no *continuum* linguístico, junto ao polo lexical. Quanto à forma, a expressão “vai com calma” pode ser empregada de modo independente do item *aí*, havendo possibilidade de intercalação de outros elementos, por exemplo, “vai com calma e atenção aí”.

No trecho (2), verificamos que a sequência “tem calma aí” enquadra-se em contexto atípico. Nesse estágio, observa-se integração sintática de *calma* e *aí*, de modo que não há possibilidade de inserção de outros elementos entre eles. O elemento *aí* já não exprime referenciação espacial, exercendo papel de afixoide (cf. BOOIJ, 2013) junto ao núcleo *calma*. À fixação sintática vincula-se o significado global abstratizado, não mais voltado a atividades físicas, mais concretas, e sim relacionado ao universo psicoemocional do interlocutor.

No fragmento (3), a expressão *calma aí* é flagrada em contexto crítico. A ambiguidade desse estágio pode ser observada por meio de, minimamente, duas

interpretações. Na primeira delas, a expressão pode ser lida como um pedido de abrandamento de ânimos. Tal leitura é reforçada por conta do uso subsequente do verbo *acalmar*: “acalma aí”. A segunda interpretação aponta para o uso discursivo da expressão, com o propósito de tomada de turno. Concorre para essa perspectiva a cobrança do enunciador ao presidente da mesa de que fosse assegurada a sua palavra. Compreendemos que, nessa leitura, haja maior vinculação sintático-semântica entre os elementos da expressão, de modo que se perca o apontamento, ainda que abstratizado, para o interlocutor.

No exemplo (4), a expressão “calma aí” é empregada em contexto isolado. Assim, constata-se integração sintático-semântica, de tal modo que o significado do todo não corresponde à soma de significado das partes. No exemplo em questão, seu uso se dá em âmbito discursivo, em que o enunciador se posiciona diante da proposição implícita do interlocutor de que a diferença de valor do frete ferroviário para o rodoviário é pequena. Subsequente ao posicionamento, segue a ponderação argumentativa sobre o tema.

Objetivando dar conta das nuances ao longo da trajetória que envolve mudança construcional e construcionalização de nosso objeto de pesquisa, nos dedicamos ao refinamento da teoria difundida por Diewald (2002, 2006). Nesse intuito, propomos uma reflexão sobre a nitidez categórica nos estágios de mudança linguística, com cada um dos quais, comumente, se relaciona uma construção exemplar, conforme fizemos nas linhas anteriores. Apresentamos, portanto, a proposta da inserção de graus intracontextuais, que serão detalhados na seção de número quatro.

### 3 Metodologia

De modo geral, é praxe, em exposições de pesquisa científica, apresentar os dados prototípicos, aqueles que se enquadram de forma mais evidente à teoria. No entanto, devido à necessidade de lidar com dados não exemplares (periféricos ou em

transição intracontextual), decidimos aplicar uma divisão de graus internos (ROSA, 2019) aos contextos de mudança propostos por Diewald (2002, 2006). Conforme visto na seção 2.3, o contexto atípico é identificado pelo uso de elementos linguísticos existentes em arranjos incomuns, mas com caráter composicional; o contexto crítico é marcado por múltiplas ambiguidades estruturais e semânticas; e o contexto isolado é caracterizado pela não composicionalidade e pela função procedural, com sentido afastado do mais antigo, que é mais lexical.

Ao observarmos em nossos dados características marcantes que diferenciavam tipos de arranjos linguísticos ou de microconstruções em fases mais ou menos avançadas em um mesmo contexto, constatamos a necessidade desse esquadramento, em conformidade com a ideia de *continuum*. Sendo assim, sob a alcunha de *nanopassos*, tratamos da gradualidade presente em um mesmo contexto de mudança, seja ele fonte (contexto de origem), atípico, crítico ou isolado. Em nosso entendimento, os graus, em termos quantitativos e qualitativos, podem ser descritos pelo analista de acordo com a observação de seus dados. Logo, em princípio, não há critérios universais pré-definidos para sua classificação. No entanto, o estabelecimento de graus intracontextuais deve ser motivado pela necessidade de apontar nuances de mudança que diferenciem arranjos linguísticos ou microconstruções enquadrados num mesmo contexto, definido nos moldes de Diewald (2002, 2006). Tais nuances podem estar relacionadas à diminuição da composicionalidade, aumento de complexidade sintática, diminuição de vocábulos fonológicos, aumento da abstratização semântico-pragmática, entre outros. Na trajetória que resulta na construcionalização de *calma aí*, verificamos dois níveis de mudança no contexto fonte, (graus 1 e 2); quatro níveis de mudança no contexto atípico (graus 1, 2, 3 e 4) e dois níveis de mudança no contexto isolado (graus 1 e 2). Em virtude do dado único, não foi possível verificar mudança intracontextual no contexto crítico.

A busca de dados foi feita de modo integral nos *corpora* destinados ao estudo diacrônico do século XIII ao século XX (*Corpus* do Português, com aproximadamente 57.000 textos e 45 milhões de palavras, e *Corpus* Tycho Brahe, com 76 textos e 3.302.666 palavras), isto é, a partir da verificação de todos os possíveis registros da microconstrução em foco. Para a quantificação dos dados do Diário do Congresso Nacional, com publicações dos séculos XX e XXI, foi pré-estabelecido o limite de 200 ocorrências, por não se tratar de *corpus* finito, havendo inserção constante de novos textos para o acervo à medida que ocorrem as sessões do parlamento. Nos *corpora* selecionados, foram encontrados registros da microconstrução *calma aí* somente a partir do século XX<sup>1</sup>, num total de 52 construtos.

Nesta pesquisa, assumimos que a construção é um pareamento de forma e conteúdo. Para a dedicação à análise qualitativa desses pareamentos, adotamos o modelo de representação construcional de Croft (2001), em que são relacionadas propriedades da forma: sintática, morfológica e fonológica, e do conteúdo: semântico, pragmático e discursivo. No quadro a seguir, relatamos os critérios utilizados para a descrição sintética de cada uma dessas propriedades. Embora Traugott e Trousdale (2013) tratem do nível de preenchimento dos esquemas construcionais a partir da propriedade da forma fonológica, consideramos ser um atributo misto, morfofonêmico, levando em conta as produções comunicativas orais e escritas. Por termos lidado com material gráfico nas análises de dados, realizamos os apontamentos sobre nível de preenchimento de esquemas relacionados à propriedade morfológica. Tais escolhas têm caráter didático, contudo, não se pode perder de vista as fortes vinculações existentes entre as propriedades apresentadas:

---

<sup>1</sup> Este artigo é um recorte de uma pesquisa maior, em viés pancrônico, envolvendo os marcadores discursivos refrador-argumentativos formados por elemento indutor-refreador e afixoide locativo, como *alto lá*, *calma lá*, *espera aí*, *espera lá*, *aguenta aí*, *aguenta lá*, *segura aí*, *segura lá* e *para aí* (Cf. ROSA, 2019).

Quadro 1 – Critérios de análise das propriedades de forma e conteúdo das construções.

FORMA	Sintática (morfossintática)	Apontamento das relações de contiguidade ou não entre elementos (Traugott e Trousdale, 2013, p. 13): - atômica: elemento individualizado sem relação de contiguidade; - complexa: elementos individualizados com relação de contiguidade; - intermediária: elementos justapostos ou aglutinados.
	Morfológica (morfofonêmica)	Especificação do nível de preenchimento dos esquemas (Traugott e Trousdale, 2013, p. 13): - substancial (preenchida); - esquemática; - parcialmente esquemática. Destaque de formas reduzidas por aférese, crase etc.
	Fonológica	Indicação da quantidade de vocábulos fonológicos, segundo Câmara Jr. (1985). Para apresentar tal análise, nos valem do Alfabeto Fonético Internacional, com base na variedade do português falado em grande parte do estado do Rio de Janeiro.
CONTEÚDO	Semântico (semântico-pragmático)	Referência ao significado, no nível microconstrucional, e/ou ao sentido, no nível do construto. Também pode ser sinteticamente expresso pela subfunção mesoconstrucional.
	Pragmático (pragmático-discursivo)	Alusão à relação entre os entes envolvidos no evento discursivo interativo.
	Discursivo	Descrição do modo de organização discursiva, também relacionado ao gênero textual, com base em Charaudeau (1992), a serviço da função macroconstrucional.

Fonte: Rosa (2019, p. 78).

#### 4 Análise de dados

Nesta seção, apresentamos a aplicação da análise dos nanopassos. Para ilustrar o exposto na seção de Metodologia e tratar dos diferentes tipos de construtos flagrados

na investigação de *calma aí* nos contextos propostos por Diewald (2002, 2006), retomamos exemplos anteriormente mencionados e acrescentamos outros.

- **Contexto fonte de grau um**

Como não foi encontrado registro em contexto fonte de grau um nos *corpora* investigados, recorreremos à Web para apresentar exemplos que possam ser comparados aos demais graus dos contextos de mudança. No primeiro grau do contexto fonte, verificamos perífrases oracionais indutoras envolvendo o substantivo *calma* e o pronome locativo *aí*.

(1) Vai com **calma aí** nessa bicicletinha sem freio ôh... (Instagram. Disponível em: [https://sometag.org/account/sil\\_cma/1925340443/](https://sometag.org/account/sil_cma/1925340443/)).

No dado (1), a expressão “vai com calma” exprime indução de abrandamento ou moderação na atividade de pedalar euforicamente, que, em se tratando de bicicleta sem freio, representa um risco. O pronome locativo *aí*, contíguo ao elemento *calma*, faz referência catafórica a “nessa bicicletinha sem freio”. Os elementos sequenciais *calma* e *aí* apresentam, conforme observado no exemplo, independência semântica e sintática e são empregados em referência ao mundo biossocial. Para que se faça um contraponto aos usos dos estágios posteriores, é importante destacar que o locativo *aí* aponta para um lugar concreto, em que se encontra o interlocutor: o meio de transporte *bicicleta*.

- **Contexto fonte de grau dois**

No segundo grau do contexto fonte, foi verificado um dado em que o substantivo *calma* é ainda empregado em uma perífrase oracional indutora, no entanto, o pronome locativo *aí* passa a referir-se a um elemento mais abstrato:

(5) O Sr. Roberto Saturnino - Eu espero que V. Ex<sup>a</sup> nos traga esses esclarecimentos. Ouço o nobre Senador Virgílio Távora. O Sr. Virgílio Távora - Eminentíssimo Senador, vamos pôr um pouco de **calma aí** nesta discussão. Estamos fazendo um convite a V. Ex<sup>a</sup>. Um homem é acusado, e V. Ex<sup>a</sup> sabe das ligações de amizade que nos ligam ao Professor Montello. S. S<sup>a</sup> é acusado justamente de falseamento de dados contra a grande parte, como diz V. Ex<sup>a</sup>, da comunidade do IBGE. Vamos à prática? Traga-nos um exemplo desse falseamento de dados. (Diário do Congresso Nacional – Seção 11, 12 ago. 1983).

No exemplo (5), o parlamentar Roberto Saturnino emprega a expressão “vamos pôr um pouco de calma” para exprimir indução de abrandamento ou moderação aos envolvidos no debate. O pronome locativo *aí* faz referência catafórica a “nesta discussão”. Tal referência, diferentemente do que ocorre no grau anterior, não mais aponta para o lugar em que se encontra o interlocutor, passando a indicar um elemento mais abstrato: a discussão.

#### ▪ Contexto atípico de grau um

No primeiro grau do contexto atípico, foi encontrado um registro em que ainda verificamos perífrase envolvendo o substantivo *calma*. No entanto, o elemento *aí* não mais desempenha referenciação explícita, passando a exercer o papel de afixoide junto à subparte nuclear *calma*. Retomemos o exemplo (2):

(2) Sr. Waldemir Freire Cardoso: Quando eu retornei das férias, lá no início do mês de agosto de 2001, eu me deparei então com meus quatro auxiliares, aqueles quatro que haviam sido designados, coordenadores da Diretoria Regional do Rio de Janeiro, uma grande Diretoria Regional, importante para o Correios, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, eles estavam no aeroporto me esperando dizendo: “Olha, estamos indo embora. O que houve? Nós fomos dispensados da função. Talvez você tenha pedido para substituir o adjunto, o Presidente não gostou e substituiu a nós quatro. Estamos indo embora. Fomos mandados de volta para casa”. De volta. Dispensa da função. Nenhuma irregularidade nenhum problema, nenhuma

apuração, nenhum processo. Eu tenho aqui as portarias. Então devolve fulano, fulano, fulano, fulano de volta para casa. Tem **calma aí**, que eu vou procurar saber o que se passa. (Diário do Senado Federal – Suplemento, 18 jul. 2006).

No exemplo (2), o diretor regional dos Correios emprega a expressão “tem calma aí” para abrandar os ânimos de seus auxiliares, que haviam sido dispensados da função. Nesse estágio, observamos a vinculação sintático-semântica das subpartes *calma* e *aí*, integrando a expressão perifrástica de indução de abrandamento de ânimos/práticas do mundo biossocial (IAB<sub>P</sub>).

#### ▪ Contexto atípico de grau dois

No segundo grau do contexto atípico, já se encontra a forma elíptica, em que o substantivo *calma* é empregado como frase nominal. Nesse estágio, assim como no anterior, a subparte periférica *aí* mostra-se vinculada à subparte nuclear, *calma*, exercendo papel afixoide. Vejamos o exemplo a seguir:

(6) [...] no correr da conversa, em trabalhadores e salários, Silvestre deixou cair que, no seu entender, dada a carestia da vida, o trabalho de um homem de enxada não era de forma alguma bem pago. Mas disse-o sem um desejo de discórdia, facilmente, abertamente, com a mesma fatalidade clara de quem inspira e expira. Todavia, o Ramos, ferido de espora, atacou de cabeça baixa: - Que autoridade tem você para falar? Quem lhe encomendou o sermão? - Homem! clamava o Silvestre, de mão pacífica no ar. - **Calma aí**, se faz favor. Falei por falar. - E a dar-lhe. Burro sou eu em ligar-lhe importância. Sabe lá você o que é a vida, sabe lá nada. Não tem filhos em casa, não tem quebreiras de cabeça. Assim, também eu. - Faço o que posso desabafou o outro. - E eu a ligar-lhe. Realmente você é um pobre diabo, Silvestre. Quem é parvo é quem o ouve. Você é um bom, afinal. (*Corpus do Português: A Palavra Mágica*, de Vergílio Ferreira, 1998).

No exemplo (6), o personagem Silvestre faz uso da expressão *calma aí* para abrandar os ânimos de seu interlocutor, o Ramos. A rubrica “de mão pacífica no ar” contribui para a compreensão das intenções de Silvestre: desfazer o mal-entendido e acalmar Ramos, que se exaltara por conta de um comentário seu. No trecho, *calma aí* apresenta-se com *status* construcional, isto é, como um pareamento de forma e conteúdo. Assim, consideramos tratar-se de microconstrução indutora de abrandamento de ânimos/práticas do mundo biossocial (IAB).

- **Contexto atípico de grau três**

No terceiro grau do contexto atípico, observamos mudança semântica em relação ao estágio anterior, de modo que a microconstrução não mais exprime indução de abrandamento de ânimos ou práticas, e sim indução de expectativa sobre atividade do mundo biossocial (IEB). Observemos o próximo exemplo:

(7) Gleyb: então vai conectando e poe eles para ir para lá. Qual que você achar melhor, menos horário de vôo e poe eles, né. (conversa de fundo de Gleyb com Baltazar através de outro telefone). Rosalia: pode ser no vôo da manhã? (Gleyb telefone: eles estão indo amanhã.) Rosalia: pode ser no vôo de manhã? Gleyb: no vôo da manhã, eles chegam que horas? (Gleyb telefone: Balta eles chegam que horas? Eu acho que eles chegam... Balta só um minutinho que eu te ligo, que eu estou em outro telefone... **calma aí**). Gleyb: oi, como é que é Rosalia? (Diário do Senado Federal – Suplemento, 21 dez 2012).

No exemplo (7), Gleyb tenta administrar duas conversas em telefonemas diferentes. Num deles, dialoga com Rosália, no outro, com Baltazar. Em certo momento, Gleyb desiste de manter a simultaneidade das conversas e pede que um de seus interlocutores espere pelo seu retorno: “Balta só um minutinho que eu te ligo, que eu estou em outro telefone... calma aí”. No trecho, o enunciador declara que ligará de volta para Baltazar em pouco tempo: “só um minutinho que eu te ligo” e emprega o

construto *calma aí* para induzi-lo a aguardar seu telefonema. A expressão, portanto, se caracteriza como microconstrução indutora de expectativa sobre atividade do mundo biossocial (IEB).

#### ▪ Contexto atípico de grau quatro

No quarto grau do contexto atípico, observamos mudança semântica em relação ao estágio anterior, em que a microconstrução passa a exprimir indução de refreamento de atividade do mundo biossocial (IRB). Isto é, o propósito comunicativo do enunciador é impedir, interromper ou cessar uma atividade ou prática realizada pelo enunciatário. Analisemos o dado (8):

(8) “Olha”, diria o Ministro, “demos aqui uma analisada com calma e descobrimos que aqueles números estão ultrapassados, a realidade mudou, a safra expandiu-se, a pecuária renovou-se, o Lula está gostando, divisas entram no país, os empregos, pelo menos no campo, se expandem, por isso, **calma aí** companheiro, chega de invasão, vocês estão atrapalhando o país. Entendeu Stédile?!”. (Diário do Senado Federal: Vendeta na reforma agrária, de Xico Graziano, 14 abr. 2004).

No exemplo (8), o articulista Xico Graziano reproduz uma fala hipotética de um ministro se reportando a invasores de terras. No trecho, a expressão *calma aí* é empregada para convencer o interlocutor a cessar a prática da invasão, exprimindo indução de refreamento de atividade do mundo biossocial (IRB). Contribui para essa leitura o apelo “chega de invasão”. É válido mencionar a pertinência da microconstrução ao âmbito lexical não só por atuar no plano do conteúdo enunciativo (indução de cessação de atividade do mundo biossocial) como também por sua integração sintática à estrutura oracional, sendo, inclusive, articulada à porção textual precedente pela conjunção “por isso”.

- **Contexto crítico**

Em contexto crítico, foi verificado um registro da microconstrução *calma aí* nos *corpora* investigados. No exemplo (3), retomado a seguir, constata-se ambiguidade, propiciando interpretações referentes ao estágio atípico de grau dois: indução de abrandamento de ânimos ou práticas do mundo biossocial (IAB) e ao estágio isolado de grau um: refreamento enunciativo (RE).

(3) Então, Sr. Presidente, eu entendo que a CPI está no rumo certo, não acabou nada; CPI do Cachoeira não acabou; agora nós estamos afinando. Na hora em que vai dar o bote, aí estão querendo agora desviar para a Delta nacional? Que história é essa de Delta nacional? O Sr. Rubens Bueno (PPS – PR) – E quem está botando dinheiro? O Sr. Ronaldo Fonseca (PR – DF) – Espera aí... Espera um pouquinho... Está colocando dinheiro, espera um pouquinho... Está colocando dinheiro, mas vai chegar o momento... Espera um pouquinho... Por que desviar? **Calma aí**, gente! Acalma aí! Sr. Presidente, o senhor vai assegurar a minha palavra ou não? (Soa a campainha.) O Sr. Ronaldo Fonseca (PR – DF) – Porque até o momento eu estou sentado nesta CPMI e ouvi a todos os oradores e ouvi calado... O Sr. Presidente (Paulo Teixeira. PT – SP) – Eu peço a todos que prestem atenção e permitam que o orador... (Diário do Senado Federal – Suplemento, 21 dez 2012).

Como dito anteriormente, o construto *calma aí* apresentado no exemplo (3) suscita ambiguidade, havendo, minimamente, duas leituras possíveis. A primeira a ser citada refere-se à indução de abrandamento de ânimos ou práticas do mundo biossocial (IAB), característica do contexto atípico de grau dois. Embora o contexto atípico de grau um também se caracterize pela indução de abrandamento de ânimos ou práticas do mundo biossocial, a forma morfossintática da microconstrução verificada no exemplo (3) é equivalente àquela observada no contexto atípico de grau dois. O uso do verbo *acalmar*, posposto à expressão em foco, “Calma aí, gente! Acalma aí!”, contribui para a interpretação de que o propósito comunicativo do parlamentar

Ronaldo Fonseca é conter a exaltação de seus opositores, induzindo-os a moderar o comportamento.

A segunda leitura está relacionada ao refreamento enunciativo (RE), característica do contexto isolado de grau um. Os enunciados incompletos e o uso reiterado da expressão *espera (aí)* nos conduzem ao cenário de interrupção do pronunciamento do parlamentar, que pode ter empregado o construto *calma aí* para manter seu turno de fala. Contribui para esse entendimento o seu apelo ao dirigente da plenária: “Sr. Presidente, o senhor vai assegurar a minha palavra ou não? [...] Porque até o momento eu estou sentado nesta CPMI e ouvi a todos os oradores e ouvi calado...”. Desse modo, havendo, ao menos, duas interpretações possíveis sobre o uso de *calma aí* no exemplo (3) e sendo uma delas referente ao contexto isolado, concluímos que o construto apresentado se encontra em estágio crítico. O fato de haver apenas uma ocorrência nos *corpora* em contexto crítico pode justificar-se pela baixa frequência comum a esse estágio de mudança. Diewald (2002, 2006) destaca que a criticidade contextual é pouco produtiva, uma vez que se constitui em passo antecedente à efetiva mudança gramatical. Devido à ausência de outros dados comparativos, não foi possível observar nanomudanças intracontextuais no estágio crítico.

#### ▪ Contexto isolado de grau um

No primeiro grau do contexto isolado, observamos o emprego da microconstrução *calma aí* em âmbito discursivo, exercendo função refreador-enunciativa (RE), mais especificamente, em (re)tomada e manutenção de turno, seguidas de comentário, questionamento ou retificação.

(9) O Sr. Luiz Carlos Gonçalves – Olha; eu ia propor uma pena em concurso material. Essa pena e a do outro crime. Agora, qual seria ela? O Sr. Emanuel Messias Oliveira Cacho – Mas eu acho que aí tem que ter uma pena formalizada. Vinte a 30 anos. O Sr. Luiz Carlos Gonçalves – Tem que ter uma pena formalizada porque tem uma conduta ali que não tem

correspondente lá no Código Penal. Eu ia sugerir a pena, eu sugerir aqui de oito doze anos. O Sr. Emanuel Messias Oliveira Cacho – **Calma aí**. Ele vai responder pelo homicídio e pelo genocídio? O Sr. Luiz Carlos Gonçalves – Exatamente. (Diário do Senado Federal – Suplemento B, 19 jun. 2012).

No exemplo (9), Luiz Carlos Gonçalves analisa a conduta de um réu ao praticar certos crimes e sugere o tempo da pena. Emanuel Messias Oliveira Cacho, então, emprega o construto *calma aí* para tomar o turno e realizar um questionamento ao seu interlocutor: “Calma aí. Ele vai responder pelo homicídio e pelo genocídio?”. A expressão *calma aí*, portanto, em vinculação sintático-semântica, é usada em função refreador-enunciativa (RE), impedindo o desenvolvimento analítico do enunciatário para que o enunciador fizesse uma pergunta pertinente ao caso.

#### ▪ Contexto isolado de grau dois

No segundo grau do contexto isolado, foram constatados usos da microconstrução *calma aí* também em âmbito discursivo assim como o grau anterior, contudo, exercendo função refreador-argumentativa (RA). Nesse estágio, as expressões estão inseridas em estruturas discursivas mais complexas, constituídas pelos mecanismos da argumentação. Desse modo, o emprego das microconstruções RA está atrelado à existência de uma proposição ou tese, de um interlocutor que se posicione diante dessa proposição e do desenvolvimento de uma alegação. Observemos o exemplo:

(10) A Sra. Luiza Nagib Eluf – Onde é que está a anuência da vítima? [...] A Sra. Luiza Nagib Eluf – Eu acho que a vítima tem que concordar, porque... O Sr. Presidente (Luiz Carlos Gonçalves) – Luiza, é porque, como são ações tendencialmente públicas, incondicionadas, então, num certo sentido, o Ministério Público é reconhecido como representante legítimo da vítima. Tanto que não precisa da sua anuência. A Sra. Luiza Nagib Eluf – Eu sei, mas é uma atenção, uma satisfação à pessoa que foi lesada. Eu acho muito desagradável se a vítima sair se achando totalmente injustiçada no

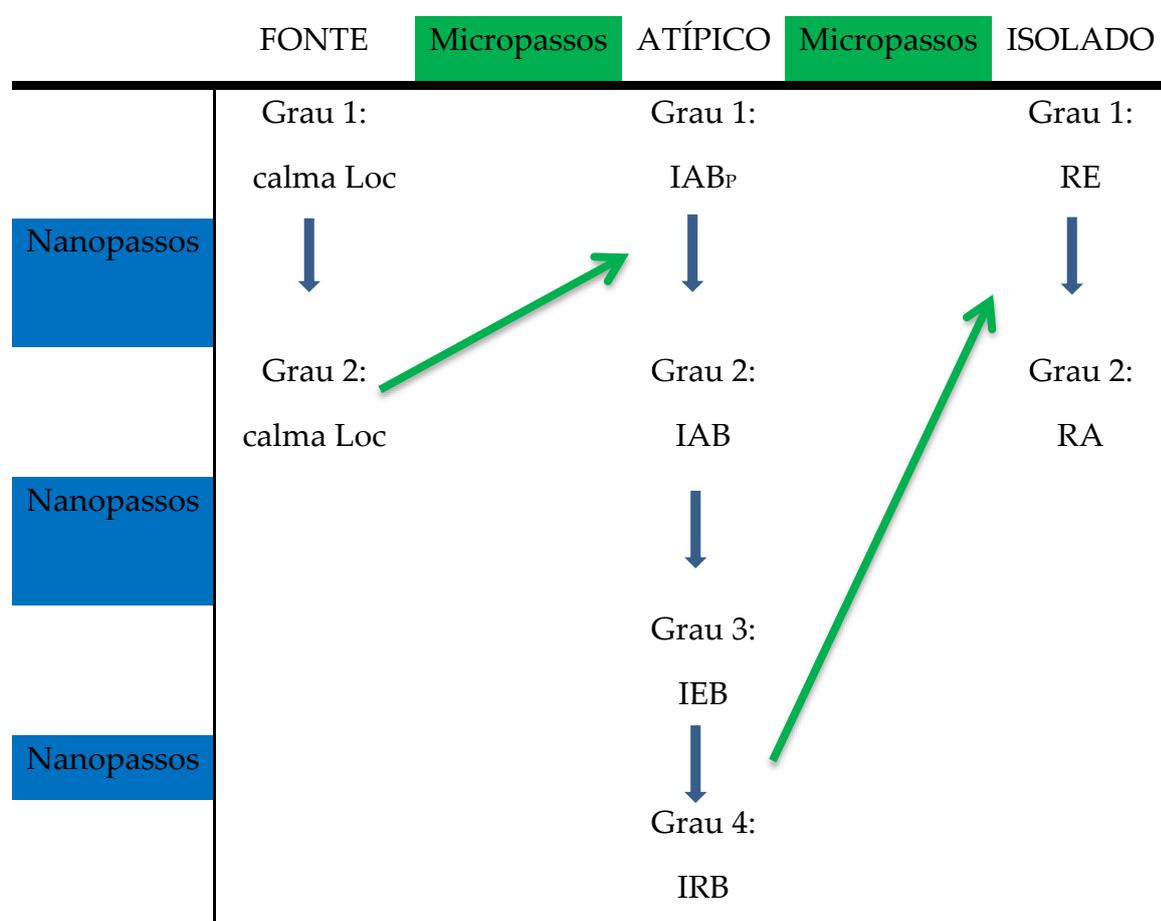
acordo. [...] O Sr. Emanuel Messias Oliveira Cacho – Agora, em algumas coisas desse ponto aí, eu concordo com a Juliana. Eu acho que não pode depender da vítima para fechar acordo. É o Ministério. Ela tem que ser ouvida, mas não pode depender dela. Nessa fase do processo, não. [...] O Sr. Emanuel Messias Oliveira Cacho – Se o réu aceitou fazer o acordo, ele fez uma confissão de que ele praticou o crime. Se ele já fez isso e confessou, e a vítima impede o acordo, amigo, ele está assumindo a culpa antecipadamente e o juiz tem todo o fundamento para condená-lo. Você está entendendo agora? Se o Ministério Público chama e o réu aceita sentar, e ele diz: “Eu sou culpado”, ele confessou, vai depender de homologar isso para, depois, o juiz julgar, ele já tendo confessado? **Calma aí**, é um embuste. Aí, é um embuste. O Sr. Presidente (Luiz Carlos Gonçalves) – Entendi. Ô Luiza, eu acho que o Emanuel falou uma coisa muito... O Sr. Emanuel Messias Oliveira Cacho – É um embuste. Ofende a presunção de inocência. O Sr. Presidente (Luiz Carlos Gonçalves) – O Emanuel trouxe uma argumentação jurídica muito consistente. Eu concordo com ele. O Sr. Emanuel Messias Oliveira Cacho – Porque se ele senta... O Sr. Presidente (Luiz Carlos Gonçalves) – Reformando o meu entendimento, o acordo não pode ser uma armadilha. O Sr. Emanuel Messias Oliveira Cacho – Não pode ser uma armadilha para o réu. O Sr. Presidente (Luiz Carlos Gonçalves) – Para nenhuma das partes. Então, o Emanuel trouxe esse... Realmente, Luiza, vamos... (Diário do Senado Federal – Suplemento B, 19 jun. 2012).

No exemplo (10), a colocação de Luiza Nagib Eluf encerra a seguinte tese: é preciso que haja anuência da vítima sobre o acordo entre o réu e o Ministério Público para que não se sinta injustiçada. Emanuel Messias Oliveira Cacho posiciona-se contrariamente à proposição da parlamentar e apresenta sua refutação: não se pode depender da vítima para fechar acordo entre o réu e o Ministério Público, pois se o réu confessa o crime em prol de um acordo e a vítima impede esse acordo, o juiz terá fundamento para condená-lo em julgamento, o que constituiria uma armadilha para o réu. Ao finalizar a alegação, Emanuel emprega a expressão *calma aí*, marcando o posicionamento contrário à tese proposta e apoiando a conclusão de sua argumentação: “*Calma aí*, é um embuste. Aí, é um embuste”. O construto exemplificado, portanto, exerce função refreador-argumentativa (RA).

- **Processo e resultado da trajetória de mudança**

A seguir, apresentamos, por meio da Fig. 1, os processos e o resultado dos mecanismos de mudança, envolvendo nano e micropassos, na trajetória da sequência *calma* (frase nominal) *aí* (pronome locativo) até a microconstrução *calma aí*.

Figura 1 — Nanopassos e micropassos na trajetória de mudança de *calma aí*/[*calma aí*].



Fonte: Rosa (2019, p. 125).

- **Propriedades de forma e conteúdo do contexto fonte ao isolado**

Com base na análise da trajetória de mudança de *calma aí*, desenvolvida em Rosa (2019), apresentamos a seguir um quadro sinóptico das propriedades de forma e conteúdo (CROFT, 2001) das construções em cada um dos estágios anteriormente

expostos. O contexto crítico não consta do quadro a seguir, pois as características a ele referentes são similares – por conta da ambiguidade interpretativa – àquelas do contexto atípico de grau dois e do contexto isolado de grau um, já incluídas na exposição.

Quadro 2 – Propriedades de forma e conteúdo nos contextos de mudança de *calma Loc/AfixLoc*.

		Fonte grau um	Fonte grau dois	Atípico grau um	Atípico grau dois	Atípico grau três	Atípico grau quatro	Isolado grau um	Isolado grau dois
F O R M A	S	elementos atômicos: <i>calma; aí</i> em arranjos perifrásticos	elementos atômicos: <i>calma; aí</i> em arranjos perifrásticos	estrutura complexa [calma aí] em arranjos perifrásticos	complexas: [calma aí] <sub>IAB</sub>	complexas: [calma aí] <sub>IEB</sub>	complexas: [calma aí] <sub>IRB</sub>	complexas: [calma aí] <sub>RE</sub>	complexas: [calma aí] <sub>RA</sub>
	M	elementos plenos: <i>calma; aí</i>	elementos plenos: <i>calma; aí</i>	plena: [calma aí]	parcialmente esquemática: [calma AfixLoc] <sub>IAB</sub> , instanciando <i>calma aí</i> e <i>calma lá</i>	parcialmente esquemática: [calma AfixLoc] <sub>IEB</sub> , instanciando <i>calma aí</i> e <i>calma lá</i>	parcialmente esquemática: [calma AfixLoc] <sub>IRB</sub> , instanciando <i>calma aí</i> e <i>calma lá</i>	parcialmente esquemática: [calma AfixLoc] <sub>RE</sub> , instanciando <i>calma aí</i> e <i>calma lá</i>	parcialmente esquemática: [calma AfixLoc] <sub>RA</sub> , instanciando <i>calma aí</i> e <i>calma lá</i>
	F	2 vocábulos fonológicos: [‘kawma] [a’i]	2 vocábulos fonológicos: [‘kawma] [a’i]	1 vocábulo fonológico: [kawma’i]	1 vocábulo fonológico: [kawma’i];	1 vocábulo fonológico: [kawma’i];	1 vocábulo fonológico: [kawma’i];	1 vocábulo fonológico: [kawma’i];	1 vocábulo fonológico: [kawma’i];
C O N T E Ú D	S	abrandamento de ânimos/práticas em lugar especificado	abrandamento de ânimos/práticas em certa situação	abrandamento de ânimos/práticas no mundo biossocial	abrandamento de ânimos/práticas no mundo biossocial	indução de expectativa sobre atividade do mundo biossocial	refreamento sobre atividade do mundo biossocial	refreamento da enunciação discursiva	refreamento da argumentação discursiva

O	P	ato de aconselhamento, em que o emissor induz o receptor a atuar com tranquilidade	ato de aconselhamento, em que o emissor induz o receptor a atuar com tranquilidade	ato de aconselhamento, em que o emissor induz o receptor a atuar com tranquilidade	ato de aconselhamento, em que o emissor induz o receptor a atuar com tranquilidade	ato de sugestão, em que o emissor induz o receptor a esperar um acontecimento	ato de injunção, em que o emissor induz o receptor a conter uma atividade	comunicação ao interlocutor de suspensão momentânea da enunciação ou de (re)tomada de turno	tomada de posição por parte de um dos atores do discurso diante da proposição do interlocutor
	D	ato alocutivo da modalidade de aconselhamento, do MOD enunciativo	ato alocutivo da modalidade de aconselhamento, do MOD enunciativo	ato alocutivo da modalidade de aconselhamento, do MOD enunciativo	ato alocutivo da modalidade de aconselhamento, do MOD enunciativo	ato alocutivo da modalidade de sugestão, do MOD enunciativo	ato alocutivo da modalidade de injunção, do MOD enunciativo	marcação discursiva, em MOD enunciativo	marcação discursiva, em MOD argumentativo

Fonte: Rosa (2019, p. 126), estrutura baseada em Croft (2001). Legenda: forma S: sintática; forma M: morfológica; forma F: fonológica; conteúdo S: semântico; conteúdo P: pragmático; conteúdo D: discursivo.

### ▪ Resultado quantitativo

Na Tabela 1, a seguir, apresentamos o quantitativo de construtos encontrados nos *corpora*, enquadrados nos estágios de mudança propostos por Diewald (2002, 2006), desde a sequência de elementos mais independentes, *calma aí*, até o pareamento microconstrucional marcador discursivo refreador-argumentativo, [*calma aí*]<sub>RA</sub>. Adiante, na tabela 2, são apresentados os números referentes a cada grau intracontextual, a partir do postulado dos nanopassos (ROSA, 2019).

Tabela 1 – Quantitativo de *calma aí*/[*calma aí*] nos contextos de mudança .

Contextos	Fonte		Atípico		Crítico		Isolado		Subtotal por século		Total
	XX	XXI	XX	XXI	XX	XXI	XX	XXI	XX	XXI	
Séculos em que se constatou ocorrência de <i>calma aí</i>											
Ocorrência por contexto e por século	01	-	01	14	-	01	-	35	02	50	52

Fonte: Rosa (2019, p. 110).

Tabela 2 – Quantitativo de *calma aí*/[*calma aí*] em gradualidade intracontextual.

Contextos	Fonte		Atípico				Crítico	Isolado		
	F1	F2	A1	A2	A3	A4	C	I1	I2	
Ocorrência por grau intracontextual	-	01	01	07	06	01	01	18	17	
Subtotal por contexto	01		15				01	35		
Total			52							

Fonte: Adaptado de Rosa (2019, p. 118 e p. 125).

A partir da análise das Tabelas 1 e 2, constatamos que houve considerável aumento de produtividade no uso de *calma aí* do século XX (2 ocorrências) para o século XXI (50 ocorrências). Como afirmam Traugott e Trousdale (2013, p.149), na construcionalização gramatical, há certa direcionalidade envolvida, em que as construções que desenvolvem uma função procedural (no caso deste estudo, a marcação discursiva) são tipicamente mais produtivas. É possível verificar que há crescente produtividade *token*<sup>2</sup> a cada contexto de mudança: uma ocorrência no contexto fonte, 15 ocorrências no contexto atípico e 35 no contexto isolado. A exceção está no contexto crítico, pois, conforme visto na seção 2.3, as construções desse estágio tendem a desaparecer no desenvolvimento posterior à mudança gramatical, seja por

---

<sup>2</sup> Construto em uso efetivo da língua.

perda da estrutura, seja por desambiguação. Sendo assim, o contexto crítico é, na maior parte dos casos, pouco produtivo, por representar uma fase de transição.

No que se refere aos graus intracontextuais, é possível verificar que tanto o grau 1 do contexto atípico (imediatamente posterior ao contexto fonte) quanto o grau 4 do contexto atípico (imediatamente anterior ao contexto crítico) apresentam baixa produtividade. Tal verificação nos conduz ao entendimento de que os graus limítrofes, em especial do contexto atípico, tendem a abarcar construções marginais, menos prototípicas e, portanto, menos frequentes.

- Metonimização e metaforização

Embora o significado construcional não corresponda à soma dos significados das subpartes envolvidas, cada subparte concorre para a instanciação da construção como um todo. Para fins meramente didáticos, apresentamos aqui quadros sintéticos separados para apontar os principais mecanismos de mudança semântica envolvendo cada subparte, como uma espécie de dissecação construcional. Contudo, reafirmamos que um dos fatores desencadeadores da mudança é justamente a contiguidade entre esses elementos, que se complementam e influenciam em vinculação gradativa na trajetória de construcionalização.

Quadro 3 – Metonimização do termo *calma* na trajetória de mudança de *calma aí*.

Base da subparte nuclear	Significado em contexto fonte	Relações metonímicas	Mudança semântica
<i>calma</i>	tranquilidade de ânimos	➤ passividade > inércia > não ação > retenção de movimento/atividade	Refreamento

Fonte: Rosa (2019, p. 205).

Quadro 4 – Metaforização termo *calma* na trajetória de mudança de *calma aí*.

Base da subparte nuclear	Domínio fonte (mais concreto)	Domínio alvo (mais abstrato)
<i>calma</i>	serenidade do mar/vento	Serenidade de humor de seres animados

Fonte: Rosa (2019, p. 205).

Quadro 5 – Metaforização do elemento *aí* na trajetória de mudança de *calma aí*.

Domínios Conceptuais:	Fonte	Alvo	Fonte	Alvo
	Espaço	Tempo		Discurso
<i>aí</i>	Local em que se encontra o interlocutor.	Momento experienciado pelo interlocutor (quase sempre também pelo locutor) no ato de produção/recepção <sup>3</sup> da enunciação.		Referência à enunciação do interlocutor (ou do próprio locutor quando fala a si próprio e acumula ambos os papéis).

Fonte: Rosa (2019, p. 206).

## 5 Considerações finais

As novas funções das expressões formadas por elementos indutor-refreadores e afixoides de origem locativa, a exemplo de *calma aí*, são resultados de processos de mudança construcional e consequente construcionalização. Nessa trajetória em micropassos, que vai do âmbito biossocial ao discursivo, as expressões exibem gradualidade transcontextual, fonte > atípico > crítico > isolado, segundo o modelo analítico de Diewald (2002, 2006). Ademais, em cada um dos contextos fonte, atípico e isolado, é possível observar gradualidade intracontextual, isto é, processos

---

<sup>3</sup> A preocupação em destacar a possibilidade de não coincidência temporal entre a produção e a recepção dos textos, sejam orais ou escritos, baseia-se no frequente lapso de tempo interacional de gêneros textuais como carta, e-mail, gravação de áudio, gravação audiovisual, mensagens em redes sociais contemporâneas etc.

pormenorizados de mudança a que chamamos de nanopassos (ROSA, 2019). Desse modo, a investigação de diferentes graus em cada contexto permite, entre outros resultados, i) a análise de dados não exemplares (periféricos ou em transição intracontextual); ii) a verificação mais acurada de processos cognitivos, como metonimização e metaforização, que resultam em mudança construcional; iii) o exame mais preciso das características da forma (sintática, morfológica e fonológica) e do conteúdo (semântico, pragmático e discursivo) da construção em cada estágio de mudança.

### Referências Bibliográficas

BOOIJ, G. Et. Morphology in Construction Grammar. *In*: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (ed.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: University Press, 2013. p. 255-273. DOI <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780195396683.013.0014>

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511750526>

CÂMARA JR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1985.

CHARAUDEAU, P. **Grammaire du sens et de l'expression**. Paris: Hachette Éducation, 1992.

CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780198299554.001.0001>

CUNHA, M. A. F. da; LACERDA, P. F. A. da C. Gramática de construções: princípios básicos e contribuições. *In*: OLIVEIRA, M. R. de; CEZARIO, M. M. (org.). **Funcionalismo Linguístico: vertentes e diálogos**. Niterói: UFF, 2017.

DIEWALD, G. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. *In*: WISHER, I.; DIEWALD, G. (ed.). **New reflections on grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 103-120. DOI <https://doi.org/10.1075/tsl.49.09die>

DIEWALD, G. Contexts types in grammaticalization as constructions. *In*: Special volume 1: **Constructions all over** – case studies and theoretical implications. Dusseldorf, 2006. Disponível em: [www.constructions-online.de:009-4-6860](http://www.constructions-online.de:009-4-6860). Acesso em: 10 de mar. 2019.

DIEWALD, G.; SMIRNOVA, E. Paradigmatic integration: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. *In*: DAVIDSE, K. *et al.* (ed.). **Grammaticalization and language change** – new reflections. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012. p. 111-131. DOI <https://doi.org/10.1075/slcs.130.05die>

FILLMORE, C.; KAY, P.; O'CONNOR, C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: The case of let alone. **Language**, n. 64, p. 501-538, 1988. DOI <https://doi.org/10.2307/414531>

GOLDBERG, A. **Constructions at Work**: The Nature of Generalization in Language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HEINE, B. On the role of context in grammaticalization. *In*: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (ed.). **New Reflections on Grammaticalization** [Typological Studies in Language 49], 83-101. Amsterdam: John Benjamins, 2002. DOI <https://doi.org/10.1075/tsl.49.08hei>

LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar**: A Basic Introduction. New York: Oxford University Press, 2008. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195331967.001.0001>

MARTELOTTA, M. E.; ALONSO, K. S.. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. *In*: SOUZA, E. R. de. (org.). **Funcionalismo linguístico**: novas tendências teóricas. São Paulo: Contexto, 2012. p. 87-106.

OLIVEIRA, M. R. de; ARENA, A. B. O viés funcional do pareamento simbólico função < > forma na abordagem construcional da gramática. **Soletras**, Rio de Janeiro, n. 37, p. 30-58, jan-jun. 2019. DOI <https://doi.org/10.12957/soletras.2019.37628>

ROSA, F. S. da L. **A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa**: uma análise cognitivo-funcional. 216 fls. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2019.

TOMASELLO, M. Introduction: a cognitive-functional perspective on language structure. *In*: TOMASELLO, M. (ed.). **The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure**. New Jersey: LEA, 1998. p. 7-23.

TOMASELLO, M. **Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003.

TRAUGOTT, E.-C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. *In*: ECKARDT, Regine; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. (ed.). **Variation, Selection, Development: Probing the Evolutionary Model of Language Change**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

TRAUGOTT, E.-C.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E.-C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199679898.001.0001>

Artigo recebido em: 31.12.2020

Artigo aprovado em: 26.06.2021